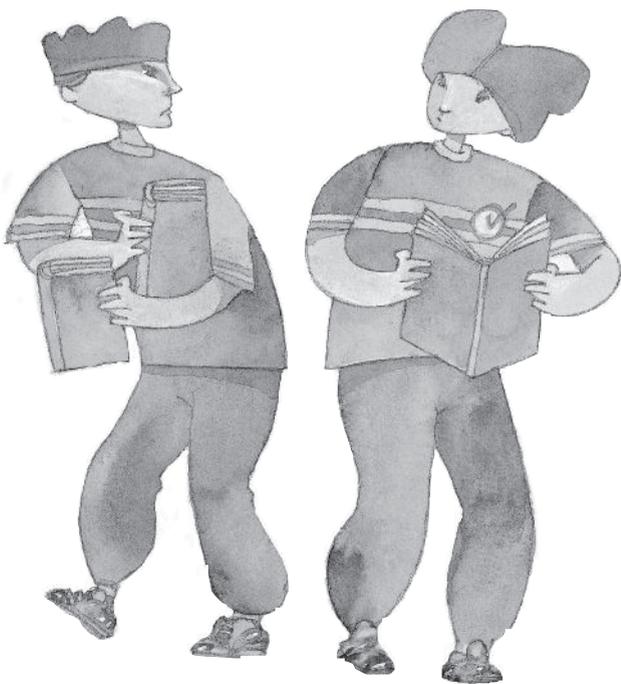


ANTONIO CARLOS OLIVIERI

Um bom sujeito



5ª edição

Conforme a nova ortografia

Ilustrações

ALEXANDRE COELHO

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Olivieri, Antonio Carlos —
Um bom sujeito/ Antonio Carlos Olivieri;
ilustrações Alexandre Coelho. — 5ª ed.
— São Paulo: Formato Editorial, 2009.

ISBN 978-85-7208-181-8

1. Literatura infantojuvenil I. Coelho, Alexandre.
II. Título.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

7ª tiragem, 2018

Selecionado pela Fundação Luís Eduardo Magalhães

SUMÁRIO

Frase, oração, Eduardo e Valéria **5**

Um bom sujeito **15**

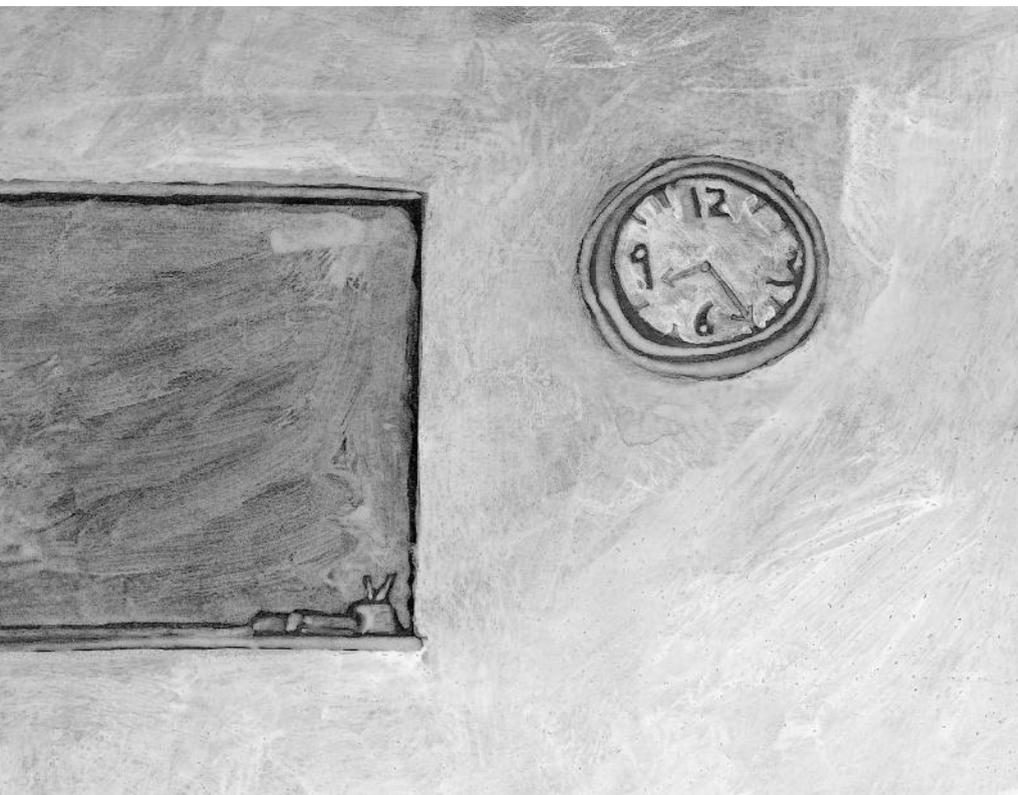
Professor Reinaldo **25**

O bilhete misterioso **35**

A hora do vamos ver **43**

E o bilhete? **53**





Frase, oração,
Eduardo e Valéria

A professora Márcia entrou na sala de aula. Pelo jeito, não estava para brincadeiras. O atraso do programa exigia esforço dobrado. Cumprimentou os alunos e pediu silêncio. A aula começou.

Normalmente, antes de entrar na matéria, Márcia conversava um pouco com a turma, acenava para alguns alunos, criava um clima simpático na sala. Depois, de vez em quando se interrompia e puxava um papinho aqui, outro ali, com alunos com quem ainda não tinha falado.

No início do bimestre em que aconteceu esta história, Márcia se mostrava especialmente simpática com um aluno novo, recém-transferido de uma escola do interior. “O Eduardo precisa de uma força para se ambientar”, pensava. Mas no momento não podia cuidar disso. Precisava pôr a matéria em dia.

Em sua carteira, Eduardo tentava disfarçar, mas não conseguia prestar atenção à aula. Não tirava os olhos de Valéria, uma garota morena, sentada não muito longe dele. Pela

primeira vez se sentia atraído por uma colega. Não sabia se eram os cabelos ou os olhos, mas achava a menina incrível!

Eduardo queria dar um jeito de se aproximar da garota, e vivia tentando inventar uma maneira de fazê-lo. Desde que chegara, fazia planos, mas a timidez tinha aumentado no ambiente novo. “Talvez no recreio ou na hora da saída...”, pensava, cheio de coragem. No minuto seguinte, desanimava. No outro, mudava de ideia de novo: “Tem que ser no recreio”.

– Faça o favor de vir até o quadro-negro, Eduardo.

Assustado, o garoto despertou da fantasia. A voz da professora adiou seus projetos. Surpreendido em flagrante, caminhou, pálido, até o quadro-negro. Queria parecer natural. E elegante, também. Ajeitou os cabelos com a mão. Valéria devia estar olhando para ele...

Sem perceber seu embaraço, Márcia chegou perto e pediu:

– Quero que você escreva uma oração no quadro-negro. Qualquer oração.

Eduardo ficou vermelho. Veio na hora o arrependimento: por que não estava escutando a explicação? “Podia ter escolhido outra hora para a Valéria!”, culpou-se. Agora, ia ficar sendo olhado por todo o resto da classe – e por ela –, sem saber o que fazer...

– Uma oração, qualquer uma, Eduardo – repetiu a professora.

Um sorriso gozador se insinuava nas caras dos colegas. Eduardo pegou o giz e começou a escrever no quadro, com a letra tremida, uma oração. A única oração que tinha certeza de saber de cor. Sem errar nem uma palavra: